

Bruno Carneiro Lira, osb

**A VIRGEM MARIA NO
ANO LITÚRGICO**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lira, Bruno Carneiro
A Virgem Maria no ano litúrgico / Bruno Carneiro
Lira. -- São Paulo: Paulinas, 2018. -- (Coleção tabor)

Bibliografia
ISBN 978-85-356-4362-6

1. Ano litúrgico 2. Celebrações litúrgicas 3. Igreja
Católica 4. Maria, Virgem Santa 5. Maria, Virgem Santa
- Culto I. Título II. Série.

18-12048

CDD-232.91

Índice para catálogo sistemático:

1. Virgem Maria: Liturgia: Cristianismo 232.91

1ª edição – 2018

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e diagramação: *Claudio Tito Braghini Junior*

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500
<http://www.paulinas.org.br>
editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2018

Minha homenagem
a Nossa Senhora da Conceição,
pelo tricentenário de seu achado
nas águas do rio Paraíba do Sul,
em Aparecida do Norte (SP),
Mãe e Padroeira do Brasil,
Nossa Senhora Aparecida (1717); e

a Nossa Senhora de Fátima,
pelo centenário de suas aparições em Portugal (1917).

Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Fátima,
rogai por nós, teus filhos.

Agradeço a proteção da Mãe de Deus neste ano de 2018,
que para mim é jubilar:
57 anos do meu Batismo;
50 anos da minha Primeira Comunhão e
25 anos de sacerdócio!

Um brinde às Bodas de Lápis-lazúli, de Ouro e Prata,
como também à Santíssima Trindade
por tamanha misericórdia e bondade.

Deo Gratias!

Dedico

A São João Paulo II, o grande devoto da Virgem Maria!

Aos meus pais, Nivalda e Paulo; aos meus irmãos e sobrinhos;

Aos queridos amigos, Pe. Luciano Brito e Diácono Mivacyr Lima;

Às amigas, Helen Brito, Leonor Barros e Simone Alves;

Aos nossos paroquianos e paroquianas da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima de Boa Viagem;

Aos amigos Benildes, Mário Roberto, Ricardo, Marquinho, ao Dr. Mário Melo (*in memoriam*) e demais familiares;

À Dra. Janaína Gallindo e sua mãe, Icília Gallindo (*in memoriam*), pelo exemplo de cristã das duas;

Ao casal que ama a Virgem Maria: Nivaldo Carvalho e Carlinda.

Às queridas religiosas, Ir. Ivonete Kurten, fsp, e Ir. Élide Fogolari, fsp;

Aos amigos colaboradores da Livraria Paulinas do Recife.

Aos caros amigos: Manoel Francisco de Lima Neto, Rubens Valença e Erbety Sena, da Academia Bodytech-Recife.

Ao amigo Dr. Deoclides Lima Bezerra Júnior, com meus agradecimentos.

Que Nossa Senhora os proteja!

A Maria Santíssima

*É ela a Santa
das santas.
E leva consigo
a bondade que brota
do amor.
Do amor incomparável
que nos protege
que nos guia.*

Filtro da Fé

*Maria Santíssima
que foi Santa
antes de ser...
E Santa permanece
no tempo
de todos os tempos.
Mãe de Jesus
e nossa Mãe que nos leva a Ele,
pelos caminhos da fé.
Da fé que filtra
o nosso amor.*

MARIA DO CÉU DE ATAÍDE VASCONCELOS
Presidente da Academia Olindense de Letras.

Sumário

Prefácio	13
Apresentação	15
Maria e o Concílio Vaticano II	19

A Virgem Maria no ano litúrgico

ADVENTO	23
NATAL	35
QUARESMA	45
PÁSCOA	55
TEMPO COMUM	67
Quando as memórias e festas se tornam solenidades	123
O Ofício da Imaculada Conceição	127
Reflexões finais	155
Referências	158

Prefácio

*Pe. Luciano José Rodrigues Brito**

No anúncio da Páscoa, proclamado na solenidade da Epifania do Senhor, escutamos que no decorrer do ano litúrgico iremos celebrar também as solenidades, festas e memórias da beata e sempre Virgem Maria. Dessa forma, somos convidados pela sagrada liturgia a louvar e bendizer aquela a quem o “Senhor fez maravilhas e que doravante todas as gerações chamarão Bem-Aventurada”.

Neste livro, o autor nos apresenta, de forma clara e objetiva, como proceder para praticarmos o verdadeiro culto à Mãe de Jesus e da Igreja ao longo do ano litúrgico.

Sabemos que na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* do Concílio Vaticano II, no capítulo VIII, vamos encontrar claramente a maneira mais adequada de como viver a fé e a devoção para com Maria, nova Eva, a mulher do Apocalipse, aquela que representa todos nós, Igreja redimida e comprometida como o anúncio e testemunho do Evangelho.

No tocante às solenidades, estas aparecem de acordo com os dogmas marianos proclamados pela Igreja, a saber: Imaculada Conceição; Maria Mãe de Deus; Anunciação do Senhor e Maria sempre Virgem; e Assunção da Virgem Maria ao céu. Nestes quatro momentos, a liturgia propõe toda manifestação da Igreja militante no sentido de prestar o devido culto à Virgem sem jamais ofuscar o Cristo vencedor do pecado e da morte. Dele, ela nos pede nas bodas de Caná: “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5).

O presente estudo vai apresentando de forma catequética e pastoral os desdobramentos mais exigentes que podemos aprender, a fim de estarmos cada vez mais envolvidos no amor da Mãe. Por isso, na apresen-

* Licenciado em Teologia Dogmática pela Universidade Pontifícia Regina *Apostolorum* de Roma. Presidente da comissão de Pastoral de Comunicação da Arquidiocese de Olinda e Recife. Diretor da Rádio Olinda. Pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima de Boa Viagem em Recife-PE. Vigário Geral da Arquidiocese de Olinda e Recife.

tação das festas e memórias, vamos refletir não apenas sobre a liturgia, mas o que toca à teologia, à Sagrada Escritura e ao Magistério. Neste terceiro ponto, devemos nos voltar para o estudo e o conhecimento dos vários documentos que a Igreja publicou e o autor faz referência, como a *Sacrossanctum Concilium*, *Marialis Cultus*, *Redemptoris Mater* etc.

Como sabemos, o Magistério é rico em nos apresentar a Virgem Maria no mistério da fé do seu Filho e nosso Redentor. Assim, é na busca do conhecimento, fonte do embasamento da nossa fé, que vamos escaldando este campo tão importante para todos – a descoberta da verdadeira devoção e culto àquela que é a mais perfeita de todas as criaturas.

Rogo a você, leitor, que se regozije com este trabalho, no qual o autor, meu caríssimo irmão e amigo, Dom Bruno, partilha a sua sabedoria.

Apresentação

O presente compêndio surgiu do amor profundo deste autor por Nossa Senhora e do desejo de apresentar aos leitores a sua importância no cenário do Ano Litúrgico, intimamente ligada ao seu Filho na História da Salvação, ele que é o centro de toda celebração litúrgica.

Neste livro, a nossa intenção é refletir sobre a presença da Virgem Maria ao longo do Ano Litúrgico em cinco aspectos: bíblico, teológico, litúrgico, histórico e pastoral, pois pensamos que desse modo aprofundaremos ao máximo o mistério da Mãe, totalmente inserida no seu Filho, nosso Senhor Jesus Cristo.

O número 103 da Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano II diz a respeito de Maria:

Na celebração anual dos mistérios de Cristo, a santa Igreja venera com especial amor, porque *indissoluvelmente unida à obra da salvação do seu Filho*, a Bem-aventurada Virgem Maria, Mãe de Deus, em quem vê e exalta o mais excelso fruto da Redenção, em quem contempla, qual imagem puríssima, o que ela, toda ela, com alegria deseja ser.

A Igreja, portanto, deseja ser como Maria, puríssima, e este é o nosso futuro; por isso que todos os textos relacionados à Virgem Maria nas Sagradas Escrituras referem-se à Igreja e vice-versa.

Nossa obra foi, pedagogicamente, dividida da seguinte maneira:

Uma primeira parte trata de Maria refletida pelos Padres Conciliares durante o Concílio Vaticano II, pois ela está presente e é apresentada como modelo a ser seguido em vários de seus documentos.

Em seguida, passaremos a apresentar as memórias, festas e solenidades da Virgem Maria relacionadas ao Tempo Litúrgico em que acontecem. Assim, teremos:

No Tempo do Advento, a solenidade da Imaculada Conceição em 8 de dezembro, como também a festa de Nossa Senhora de Guadalupe,

padroeira da América Latina no dia 12 de dezembro e, ainda, uma meditação de Maria como figura central do Advento, juntamente com São José, seu esposo, os profetas Isaías e João Batista.

Apresentaremos a Virgem Maria na Noite de Natal e na sua Oitava, fazendo uma reflexão do seu primeiro dogma definido pelo Concílio de Éfeso no ano de 325, como a *Theotókos*, ou seja, a Mãe de Deus; inclusive, é com esta solenidade que iniciamos o Ano Civil. Também meditaremos Maria presente na Epifania do Senhor e toda a reverência que os Magos prestaram a ela, que apresentou para eles o seu Filho, Salvador do mundo.

Na celebração da Quaresma, vamos apresentar a Mãe de Jesus no dia da Anunciação do Senhor, naquele grandioso momento em que o Verbo de Deus se fez carne no ventre da Virgem, cumprindo-se assim a palavra da Escritura: “Portanto, o Senhor mesmo vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho” (Is 7,14). Na cidade de Nazaré da Galileia, no lugar da Anunciação do Senhor, lemos no altar que fica dentro da casa que Nossa Senhora habitava neste dia: “*Verbum Caro, Hic, Factum Est!*” (Aqui, o Verbo se fez carne). Neste sagrado tempo, encontramos Maria unida ao Mistério Pascal de seu Filho, na Paixão e na Ressurreição.

Dentro do Tempo da Páscoa, temos a festa da Visitação da Virgem Maria à prima Isabel, em 31 de maio, como também, presidindo a manhã de Pentecostes, o nascimento da Igreja.

No Tempo Comum, iniciamos com a presença de Maria na Festa da Apresentação do Senhor, no dia 2 de fevereiro, quarenta dias após o Natal, para que se cumprisse a Lei Mosaica. Aqui ela ouviu a profecia do velho Simeão que se concretizaria no episódio da cruz.

Temos, também, a memória litúrgica do Imaculado Coração de Maria, logo no sábado seguinte à solenidade anual do Sagrado Coração de Jesus, que ocorre na sexta-feira depois da semana da solenidade de *Corpus Christi*.

Continuando, meditaremos sobre a festa litúrgica de Nossa Senhora do Carmo, em 16 de julho, e a memória da Dedicção da Basílica de Santa Maria Maior, em Roma, como a primeira Igreja construída à Virgem Mãe no mundo.

Temos no dia 15 de agosto, e aqui no Brasil, por não ser mais feriado, no domingo seguinte a este dia, a maior solenidade da Virgem Maria, a sua Assunção ao mais alto dos céus em corpo e alma, dogma este definido pelo Papa Pio XII em 1950; e oito dias depois, a memória facultativa de Nossa Senhora Rainha, no dia 22 de agosto, como um resquício da antiga oitava desta solenidade que foi abolida pelo Concílio Vaticano II. Para centralizar toda a ação litúrgica na pessoa de Cristo, a Igreja achou mais salutar conservar, apenas, duas solenidades com Oitavas: a do Natal do Senhor, que celebra a sua Encarnação, e a da Páscoa do Senhor, que comemora a sua Redenção.

No mês de setembro, ainda temos no dia 8 a festa da Natividade da Virgem Maria, ou seja, nove meses depois de sua concepção sem mácula (em 8 de dezembro). Aqui vale lembrar que a liturgia só celebra três natividades para este mundo: a de Jesus na Noite de Natal, a de São João Batista, o precursor do Senhor e o maior entre os nascidos de mulher, em 24 de junho, e Natividade da Mãe de Jesus no dia acima apresentado. Ainda, em setembro, no dia 15, logo no dia seguinte à Festa da Exaltação da Santa Cruz, celebramos a memória obrigatória de Nossa Senhora das Dores, que estava junto com o Filho ao pé da cruz, redimindo o mundo com ele, sofrendo a sua paixão incruenta.¹

No mês de outubro, temos a memória de Nossa Senhora do Rosário, no dia 7, e a solenidade da Imaculada Conceição Aparecida, padroeira do Brasil, no dia 12. E, finalmente, no dia 21 de novembro, a Igreja celebra a Apresentação de Nossa Senhora no Templo. Assim como aconteceu com Jesus, a Mãe passou pelo mesmo caminho, pois ambos eram fiéis à Lei de Deus proposta por Moisés.

Nas três partes posteriores, apresentaremos as memórias de Nossa Senhora nos sábados, também explicaremos quando uma festa ou memória são elevadas, liturgicamente, ao grau de solenidade e, ainda, teceremos comentários sobre o Ofício da Imaculada Conceição.

Finalmente, fazemos as reflexões finais e apresentamos as referências.

¹ Sem derramamento de sangue.

Creemos que, com esta proposta de exaltar a atuação da Virgem Maria a partir da divisão do Ano Litúrgico, fica mais lógica e pedagógica a maneira de demonstrar a sua presença marcante e mediadora, sempre ao lado do Filho.

Partiremos, agora, para o primeiro capítulo desta obra, que é a presença de Maria no Concílio Vaticano II.

Maria e o Concílio Vaticano II

Muitos textos do Concílio Vaticano II tratam da importância da Virgem Maria e de sua função materna na Igreja. Todo o capítulo VIII da Constituição sobre a Igreja, a *Lumen Gentium* (LG), trata da Mãe de Jesus e nossa. O Concílio assegura que entre Deus e a humanidade há um só mediador, nosso Senhor Jesus Cristo, que se entregou a si mesmo para a redenção de toda a humanidade (cf. 1Tm 2,5-6). Tudo na Virgem Maria deriva dos méritos de Cristo e a sua veneração não impede de modo nenhum a relação dos fiéis com Cristo, mas, antes de tudo, a favorece.

Tendo sido escolhida pela Providência de Deus como a mãe do Salvador, torna-se a sua mais fiel cooperadora no projeto salvífico e a humilde serva do Senhor, como ela mesma proclama no *Magnificat*. Segundo Paulo VI: “Concebendo, gerando e alimentando a Cristo, apresenta-O ao Pai no Templo, padecendo com ele quando agonizava na cruz, cooperou de modo salutar, com a sua fé, esperança e ardente caridade, na obra do Salvador, para restaurar nas almas a vida sobrenatural”.¹

Mesmo depois de ser elevada aos céus em corpo e alma, Maria não abandonou a sua missão salvadora, mas continua intercedendo por todos para que cheguem à salvação. Por cuidar com amor e carinho dos cristãos, os seguidores e irmãos do seu divino Filho, recebe títulos variados como: advogada, auxiliadora, socorro e medianeira, mas, como nos ensina o Vaticano II, isso nada tira ou acrescenta à dignidade do único mediador que é Jesus Cristo.

O Concílio, também, ensina-nos que a Mãe de Deus está intimamente ligada à Igreja, da qual é figura, por estar em união perfeita com Cristo, seu Filho. Portanto, como nova Eva, agora obediente não se deixa seduzir pela antiga serpente, mas pelo próprio Deus, tornando-se verdadeira esposa do Divino Espírito Santo.

¹ Em Constituição Dogmática sobre a Igreja do Concílio Vaticano II, *Lumen Gentium* (LG, n. 61).

Maria, portanto, brilha como modelo das virtudes, pois nela a perfeição já é completa. Tendo entrado na intimidade da História da Salvação por gerar o Salvador, intercede constantemente pela Igreja que busca o mesmo ideal. “A Igreja olha com razão para aquela que gerou a Cristo, o qual foi concebido por ação do Espírito Santo e nasceu da Virgem precisamente para o coração dos fiéis, por meio da Igreja”.²

Pela graça do Senhor, Maria vem logo após o seu Filho, estando acima dos anjos e homens, como Mãe santíssima de Deus; e por ter tomado parte dos Mistérios de Cristo, é venerada pela Igreja com um culto especial. Com o Concílio de Éfeso, que declarou a Virgem como Mãe de Deus (*Theotókos*), o seu culto cresceu admiravelmente na veneração e no amor, conforme nos diz São Lucas (1,48): “Todas as gerações me proclamam bem-aventurada, porque realizou, em mim, grandes coisas Aquele que é poderoso”. Assim, através da honra da Mãe, conheça-se melhor o Filho por quem tudo existe (cf. Cl 1,15-16).

Por isso, o Concílio estimula o culto litúrgico à Virgem Maria, como também os exercícios de piedade devidamente aprovados pelo Magistério³ da Igreja. Orienta aos teólogos e pregadores que evitem o exagero, assim como a demasiada estreiteza com relação à dignidade singular da Mãe de Deus. Estimula-nos a estudar sob a orientação do Magistério, da Sagrada Escritura, dos Santos Padres e doutores, e, ainda, a partir das liturgias das outras Igrejas, ensinando aos fiéis que a única salvação vem por Jesus Cristo, mas que a verdadeira devoção para com a Virgem Maria “não consiste, apenas, numa emoção externa e passageira, mas nasce da fé, que nos faz reconhecer a grandeza da Mãe de Deus e nos incita a amar fielmente a nossa mãe e a imitar as suas virtudes”.⁴

A mãe de Jesus é, portanto, sinal de esperança e de consolação para todos nós que estamos a caminho da Casa do Pai. Que dirijamos a ela as nossas preces, pois, tendo assistido ao começo da Igreja, no dia de Pentecostes, poderá socorrê-la nos momentos difíceis até a volta do seu Filho, que nos reunirá como o único Povo de Deus.

² Cf. LG, n. 65.

³ O papa e os bispos em comunhão com a Sé de Pedro.

⁴ LG, n. 67.

Encontramos nestas linhas do Concílio Vaticano II duas correntes que circulavam na época: a escola eclesiológica e a escola cristológica. A primeira trata de Maria, simplesmente, como a maior entre todos os Santos, membro eminente e inteiramente singular da Igreja. A outra olhava de modo especial para o seu papel salvífico singular na história. O Concílio uniu estas duas escolas no capítulo VIII da Constituição sobre a Igreja, *Lumen Gentium*, como vimos anteriormente. E o Papa Paulo VI, em 21 de novembro de 1964, quando promulgou o documento conciliar acima referido, proclamou em seu discurso que Maria é a Mãe da Igreja. Eis o texto:

Para glória da Virgem e para nosso conforto, proclamamos Maria Santíssima “Mãe da Igreja”, isto é, de todo o Povo de Deus, tanto dos fiéis como dos pastores, que lhe chamam de Mãe amorosíssima; e queremos que com este título suavíssimo seja a Virgem doravante honrada e invocada por todo o povo cristão.

Devemos ter estas duas escolas bem unidas em nosso coração e mente, ou seja, Nossa Senhora, cuja memória todas as gerações proclamam, como Isabel, bem-aventurada, tem um papel fundamental na obra da salvação, porque o Pai assim quis ao escolhê-la Mãe do Filho e esperado o seu sim. Além do mais, ela está presente em todos os momentos importantes e fundamentais da vida e obra de Cristo: na sua Anunciação, na Visitação à sua prima Isabel, na noite do seu Nascimento, na Adoração dos Magos, na fuga para o Egito, nas pregações de Nazaré, na Páscoa judaica (Templo), nas Bodas de Caná, na Cruz e, com certeza, na auro-ra da Páscoa, como somente os dois sabem. Também permaneceu em oração, suplicando a vinda do Espírito Santo, no Cenáculo, juntamente com os apóstolos e outras mulheres (cf. At 1,14). Esta é a visão da Escola Cristológica, e, conforme a corrente eclesiológica, ela é o membro mais eminente da Igreja, logo após a Santíssima Trindade, acima dos anjos e todos os santos, onde, rainha, resplandece e intercede constantemente pela Igreja.

Maria está intimamente ligada à Santíssima Trindade, pois, enquanto podemos dizer que somos filhos do Pai, irmãos de Jesus Cristo e conduzidos à santidade pelo Espírito Santo, ela é a *filha* do Pai, a *mãe* do

Filho e a *esposa* do Espírito Santo. Por seu vínculo estreito e indissolúvel com Jesus, tem vantagem entre todas as outras criaturas e é verdadeiramente a mãe dos membros da Igreja de Cristo devido à sua cooperação constante ao projeto de salvação. Este papel remonta às profecias do Antigo Testamento, como, em Gênesis (3,15), a vitória da mulher sobre a serpente, e a Virgem que conceberá e dará à luz a um Filho, conforme Isaías (7,14) e Miqueias (5, 2-3).

Sua intercessão pela Igreja é constante, e essa capacidade de mediação provém dos méritos de Cristo, o único mediador entre Deus e a humanidade (cf. 1Tm 2,5). E a nossa veneração não diminui em nada as qualidades dos méritos de Cristo.

Freitas diz:

[...], podemos afirmar que Maria é parte fundamental do credo católico, por fazer parte de maneira monumental do projeto salvífico da redenção; por ter concebido livre do pecado; por ter ascendido aos céus em corpo e alma; por ter sido a primeira a acreditar e dizer sim a Deus quando da vinda do Salvador e por ter permanecido em estado virginal após o nascimento de Jesus. A partir disto devemos considerar que Maria deve ser cultuada, não ocupando o lugar de Cristo, mas favorecendo a união dos fiéis com Ele e sendo a Boa Mãe da Igreja e de todos os cristãos.⁵

E, por que não dizer, de todos os homens e mulheres, mesmo aqueles e aquelas que ainda não conhecem profundamente a posição da Mãe de Cristo na Igreja e dentro do Mistério da Salvação? E é assim, sempre inserida no Mistério do Filho, que é a mulher do Advento.

⁵ FREITAS, Eduardo. O capítulo VIII do documento *Lumen Gentium*. Disponível em: <<http://mariologiaapucrs.blogspot.com.br/2013/03/o-capitulo-viii-do-documento-lumen.html>>. Acesso em: 03.10.2016.

MHP

ADVENTO



Maria é figura central do Tempo do Advento. Esse bendito tempo leva em consideração as três vindas de Cristo: que veio, vem e virá. A primeira trata de sua vinda histórica, na noite do Natal; a segunda acontece no presente, Cristo em nós através dos sacramentos, sobretudo, o da Eucaristia; na Palavra; na pessoa do pobre, dos excluídos e enfermos; a terceira vinda, nós aguardamos, acontecerá no final dos tempos, quando ele vier para julgar os vivos e os mortos.

Além da Virgem Maria, a Igreja nos apresenta mais três personagens importantes: os profetas Isaías e João Batista, assim como a presença marcante de São José. O primeiro é aquele considerado como protoevangelho, por falar de maneira tão presente e próxima do Messias no meio do povo: “Um ramo surgirá do tronco de Jessé e das suas raízes um rebento brotará! O Espírito do Senhor repousará sobre ele...” (Is 11,1-2a). Praticamente, todas as leituras da liturgia do Advento são retiradas do profeta Isaías. São João Batista, o precursor do Senhor, aparece no segundo e terceiro domingos sempre com uma mensagem marcante. Ele nos convida a preparar os caminhos do Senhor que está para chegar, exortando-nos à vigilância e à perseverança. Como no passado, os profetas prepararam a vinda do Salvador; hoje, somos convidados a dar continuidade ao projeto de Deus, preparar o seu caminho dentro de nós, vivendo o Evangelho em sua plenitude, fugindo ao pecado e abrindo-nos ao amor fraterno no perdão e na oração perseverante. São José é o homem dos sonhos; podemos dizer que é a figura dos patriarcas do Antigo Testamento. Ele não fala, mas obedece na fé após cada sonho: para receber Maria como sua esposa; na fuga para o Egito e no seu retorno para as terras de Israel, indo morar em Nazaré conforme o anjo lhe falara no sonho. Dele, aprendemos a ter uma fé profunda que não se abala quando aparecem as cruzes do cotidiano.

Segundo Lira (2017, p. 36):

o Mistério de Maria está sempre em consonância com o do Filho. Juntamente com o profeta Isaías, João Batista e São José, Maria é uma das figuras-chave do Tempo do Advento. O canto do Glória a Deus nas alturas (hino de louvor) somente ocorre nestas duas festividades de Nossa Senhora, visto que, nos domingos do Advento, a Igreja não executa este hino para que volte a ressoar, solenemente, na Noite de